

INFLUÊNCIA DE QUE E/OU DE QUEM? O CASO DE VIRGÍNIA FONSECA E A PARATOPIA DO DISCURSO DIGITAL

INFLUENCE OF WHAT AND/OR WHOM? THE CASE OF VIRGÍNIA FONSECA AND THE PARATOPIA OF DIGITAL DISCOURSE

Marco Antonio Almeida Ruiz¹
Universidade Federal de Goiás

Luís Felipe Soares de Carvalho²
Universidade Federal de Goiás

João Vitor Gomes Camargo³
Universidade Federal de Goiás

Resumo: As mídias digitais não são apenas espaços de circulação de dados, informações e imagens, constituem-se, também, como um dispositivo de enunciação pelos quais os sujeitos (des)constroem sentidos, (des)identidades e relações por meio da linguagem multimodal. Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir como as redes, mais especificamente o Instagram, constituem-se por uma “fronteira limite” no universo do discurso, possibilitando que os sujeitos-autores-digitais (re)organizem seus pertencimentos e (re)estruturam suas posições. Como objeto de investigação, analisaremos algumas publicações dessa rede social a partir do depoimento da influenciadora Virgínia Fonseca, durante a Comissão Parlamentar de Inquérito, a CPI das Bets, sobre apostas e o enriquecimento ilícito em jogos esportivos online. Para tal, pautamo-nos nas reflexões teórico-metodológicas da análise do discurso francesa, sobretudo nos conceitos de paratopia, cenas de enunciação e ethos em Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2010, 2015), para verificar como diferentes espaços do dizer dessa influenciadora digital, sujeito-autor-digital

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris. Professor de Linguística na Universidade Federal de Goiás (UFG) e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFG). E-mail: marcoalmeida@ufg.br.

² Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG) e graduado em Licenciatura em Letras: Português pela mesma instituição. É pesquisador e integrante do Grupo de Estudos em Teorias de Discurso, o GETED/UFG, desenvolvendo trabalhos na área de Análise do Discurso. Atualmente, seus principais temas de interesse são: análise do discurso digital, circulação de sentidos, autoria e construção de identidades no e pelo digital, paratopia, letramento, inclusão, ensino e aprendizagem. Email: luisfelippe@discente.ufg.br.

³ Possui formação técnica-científica pelo IFG (2016 a 2018). Discente do curso de Letras: Português da Universidade Federal de Goiás. É bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com pesquisa de iniciação científica na área dos estudos discursivos. Email: joaocamargo@discente.ufg.br.

Virgínia Fonseca, pode promover deslocamentos de sentido cristalizados social e historicamente, e interferir na construção discursiva do que é exercer influência nesses espaços de enunciação.

Palavras-chave: Cenas de enunciação; CPI das Bets; Digital; Instagram, Paratopia.

Abstract: Digital media are not merely spaces for the circulation of data, information, and images; they also function as enunciative devices through which subjects (de)construct meanings, (de)identities, and relationships by means of multimodal language. In this context, the present article aims to discuss how social media platforms—more specifically, Instagram—operate as a “borderline frontier” within the discursive universe, enabling digital subject-authors to (re)organize their forms of belonging and (re)structure their positions. As an object of investigation, we analyze selected posts from this platform considering the testimony given by the influencer Virgínia Fonseca during the Parliamentary Inquiry Commission (CPI) on “Bets,” which addressed online sports betting and illicit enrichment. The theoretical and methodological framework is grounded in French Discourse Analysis, particularly drawing on the concepts of paratopia, enunciative scenes, and ethos as developed by Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2010, 2015). The aim is to examine how the various enunciative spaces occupied by the digital influencer—conceived here as a digital subject-author—can promote displacements of socially and historically crystallized meanings and interfere with the discursive construction of what it means to exert influence within these enunciative environments.

Keywords: Scene of enunciation; Parliamentary Inquiry Commission on Online Betting (CPI); Digital environment; Instagram; Paratopia.

Texto de autor convidado.

Introdução

A tecnologia e a sociedade constituem, hoje, duas instâncias relevantes para pensarmos a formação social, podemos dizer que juntas produzem o que estamos chamando de uma “tecnologização discursiva”. Em outras palavras, diante dos avanços tecnológicos, a sociedade precisou se reinventar, adquirir não só materiais e recursos modernos para o avanço de técnicas e infraestruturas para sua composição e desenvolvimento, mas também compreender como ela se funde com o ideológico e o histórico para produzir conhecimento e, com isso, promover a interação entre os sujeitos que a compõem. Logo, não se trata apenas de analisarmos como essas novas práticas tecnológicas funcionam, por meio dos materiais que essa tecnologia cria e proporciona diariamente, num cotidiano globalizado, mas a observarmos na relação de comunicação criada por processos de ressignificação, ora retomando efeitos de sentidos já cristalizados, mas “modernizados”, ora implantando novos recursos, capazes de explicar, minimamente, o seu funcionamento discursivo nas mais diversas materialidades.

Com efeito, vimos como as redes sociais e as mídias digitais, nesse bojo tecnológico, alavancaram significativamente o espaço de dizer na sociedade contemporânea, movimento todo o modo “tradicional” que conhecíamos sobre uma certa conversação face a face para um mecanismo totalmente virtual, instantâneo e interativo, com a presença (e ausência) de muitas outras vozes, que expandem os sentidos a outras esferas, proporcionando novas condições de emergência sobre dizeres diversos.

Assim, o Instagram, a seu modo, não se compõe apenas como um espaço de publicação de imagens quaisquer, aleatórias, mas torna-se uma ferramenta complexa de enunciação, onde os sujeitos constroem sentidos, (des)identidades e relações por meio de linguagens multimodais, verbo-visual ou sincrética. Trata-se, pois, de observarmos como tais novas práticas discursivas se transformam em um ambiente digital, interativo, visual e performativo.

Diante de uma fronteira tênue, entre o público e o privado, que a todo momento se embaralham e se confundem, vemos um espaço simbólico e comunicacional formado pela interconexão digital de informações e sujeitos nesse processo interativo. Podemos, com isso, tratá-lo como uma plataforma de enunciação digital, que produz em seu funcionamento um processo constante de autoprodução da imagem, sujeitos-autores digitais e da visibilidade sem limites. Para tal, queremos, com este nosso ensaio, discutir como essa materialidade digital, o Instagram, produz um material pertinente para a produção comunicativa entre os sujeitos, que se colocam nesse ambiente de interação, cujas ferramentas – curtir, comentar e compartilhar – auxiliam de maneira abrangente e sem distinção tais sujeitos a alcançarem diferentes instâncias do dizer, (re)construindo e (res)significando sentidos cristalizados na história e no social.

Para estas nossas reflexões, analisaremos algumas publicações nessa rede em meio à situação discursiva que todos os brasileiros presenciaram durante o depoimento de Virgínia Fonseca, influenciadora digital, famosa e muito reconhecida nacionalmente, durante a Comissão Parlamentar de Inquérito, a CPI das Bets, sobre apostas em jogos esportivos online. No centro da investigação, os parlamentares procuram encontrar evidências de que ela, e demais influenciadores digitais e celebridades brasileiras, têm promovido propagandas que estimulem a população a apostar dinheiro nesses tipos de

jogos, cuja função é sobretudo lucrar em cima da perda de bens (materiais, psicológicos e emocionais) dos outros, geralmente os mais pobres e vulneráveis.

Ancorados nas reflexões teórico-metodológicas da análise do discurso francesa, sobretudo nos conceitos de paratopia, cenografia e ethos em Dominique Maingueneau (2006, 2008, 2010, 2015), nosso objetivo é observarmos como tais diferentes perfis do Instagram repercutiram negativamente sobre esse depoimento de Fonseca no Senado, invertendo sentidos cristalizados, como mulher mãe e suas distintas posições, a partir das diferentes instâncias de seu dizer, nos excertos que a colocam como figura central de uma discussão que beira uma fronteira bastante tênue entre o que é formal e informal em situações discursivas diversas.

Ou seja, perscrutamos como os efeitos de sentidos gerados nesses diferentes recortes produzem não só um ‘entre-lugar’ enunciativo do sujeito-autor-digital Virgínia Fonseca, como também sua imagem, calcada no espaço social atribuído às mulheres diante de espaços de formalidade. Nosso objetivo não é esgotar a discussão sobre isso, muito menos exaltar a sua participação, uma vez que, a nosso ver, foi desrespeitosa, mas compreendermos esses desdobramentos de sentidos promovidos pelo jogo digital e sociedade contemporânea, por meio de ferramentas e estratégias tecnológicas que colocam essa interação em níveis altos como processo de constituição social, histórica e de poder entre ambos os espaços do dizer num jogo discursivo.

1. Paratopia e(m) cena: breves reflexões

De acordo com Maingueneau (2006, 2008, 2010 e 2015), a noção de paratopia é fundamental para compreendermos a maneira como os sujeitos se constituem no discurso, em especial quando tratamos de campos discursivos que são, à sua visão, tratados como discursos constituintes⁴, a saber: literário, filosófico, científico, entre outros. Assim, por meio dos lugares sociais e simbólicos que os sujeitos ocupam, a paratopia participa da articulação da sua identidade discursiva quando enuncia. *Para*, proveniente do grego, que

⁴ De acordo com o linguista francês, grosso modo, o discurso constituinte está intimamente ligado à noção de cena de enunciação, pois ele não apenas se insere numa cena, mas a institui. Em outras palavras, trata-se de pensarmos que esse tipo de discurso, cena englobante, não apenas se inscreve em um espaço discursivo já dado, mas contribui significativamente para constituí-lo. Ele, a partir de seu funcionamento no espaço de enunciação, permite inaugurar ou refundar uma cena enunciativa, criando certas condições para que determinados dizeres sejam possíveis ou reconhecíveis como legítimos.

significa “ao lado”, “fora de” e *topia* (topos), um “lugar”, a paratopia trata de pensar o “não-lugar” do sujeito num espaço discursivo – cientista, escritor, filósofo, por exemplo –, isto é, o enunciador se coloca para observar esse “entre-lugar” do discurso, uma vez que ele nunca consegue se instalar plenamente nesse ambiente do dizer; é, ao mesmo tempo, lugar que reivindica como legítimo para si e seu discurso, mas, de certo modo, também é excluído ou deslocado dele.

Podemos dizer que aquele que enuncia de um determinado espaço sócio-histórico/discursivo constituinte toma um posicionamento paradoxal, fala de um lugar entre lugares, logo, um ‘não-lugar’ do discurso, que transcende a superfície discursiva/social em que está inscrito. Esse sujeito quem diz alimenta sua criação enunciativa a partir dessa tensão, do pertencer ou não. O que chamamos de paratopia é justamente tal localidade paradoxal que, segundo Maingueneau (2006, p. 68), “não é a ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o ‘não-lugar’, uma localização parasitária que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se”. Em virtude disso, podemos apontar que a paratopia se manifesta de duas formas: i) pelos discursos constituintes e; ii) pelos sujeitos-autores/produtores dos textos que enunciam a partir de um determinado discurso constituinte, tendo a paratopia como “motor” de sua criação numa cena enunciativa determinada.

Essas formas distintas de inscrição do sujeito-autor-digital em lugares discursivos diversos, ainda de acordo com o autor, fazem com que enfatizemos que essa atividade paratópica ocorra quando esse sujeito-autor adota uma posição que não corresponde à norma esperada ou aceita pelo contexto discursivo. De maneira voluntária ou involuntária, refere-se numa estratégia retórica, capaz de subverter certas hierarquias de poder ou promover, por meio do deslocamento discursivo, mudanças sociais e políticas. Portanto, essa forma de (não) pertencimento aparece em diferentes gêneros discursivos e contextos culturais, possibilitando observarmos como as vozes são legitimadas ou marginalizadas dentro de um discurso público, social e histórico.

Apesar da paratopia ter como principal característica esse pertencimento “marginal”, tal efeito, a qual nos referimos, não se trata apenas de uma característica marginalizada do indivíduo na sua forma empírica, mas da sua capacidade de se tornar um sujeito-autor-digital dentro do contexto da enunciação (as redes sociais), uma

categoria que não denota uma falta de lugar, mas, ao contrário, revela um sujeito inscitor que se coloca por meio do discurso diante de um espaço de pertencimento por ora inatingível.

A criação paratópica abordada por Maingueneau (2006) refere-se estritamente à criação literária, focaliza, no seu interior, a descrição da forma pela qual os autores, tomados por sua condição paratópica, investiam na criação de suas obras. Nesse sentido, o autor discorre que o escritor é esse indivíduo sem localização definida, sem uma “razão de ser”, que constrói seu território de criação por essa mesma falha: sua obra se constitui a partir de um pertencimento problemático ao campo literário e à própria sociedade. A partir dessa reflexão, discutimos sobre tais lugares paratópicos (Maingueneau, 2006), ao passo que mesmo que a criação enunciativa tenha a pretensão de se fazer global, sua constituição se dá de maneira local, no seio das regras e formas de funcionamento dos locais e grupos em que surgem – comunidades discursivas organizadas em torno de certos comportamentos e normas que moldam sua produção de textos, como o campo literário, por exemplo.

Com a evolução da sociedade, da tecnologia da comunicação e a emergência de novos campos que possivelmente abarcam esse processo de criação paratópica, a internet, parece-nos pertinente, num primeiro movimento de observação tentarmos compreender como seu funcionamento ocorre, também, nessas outras instâncias enunciativas. Ou seja, queremos entender de que maneira a paratopia criadora, tal como pensada por Maingueneau (2006), no que se refere ao regime literário, se aplicaria a outros regimes enunciativos como, por exemplo, o ambiente digital.

Num primeiro gesto de olhar para essa questão percebemos que a própria criação e manutenção de um perfil em rede social – a depender do sujeito e do contexto do qual ele enuncia – pode denotar uma certa gestão de elementos que constroem, no e pelo discurso digital, um processo de criação enunciativa, que se materializa na forma do perfil criado e mantido por esse sujeito-autor-digital. O virtual pode ser visto, certamente, como uma “fronteira limite” no universo discursivo, possibilitando que sujeitos-autores como Virgínia Fonseca, por exemplo, (re)organizem seus pertencimentos especialmente problemáticos e que (re)estruturem, – por meio do movimento de criação enunciativa – o que existe de “insustentável” em sua posição, ora mulher mãe-empresária-empoderada,

ora mulher mãe-despojada e “do lar”.

Esse movimento ocorre porque vemos diante das cenas retratadas por cada recorte de sua participação na CPI das Bets, como ela, uma figura que enuncia, pode ocupar diferentes posições e espaços do dizer quando (não) pertence a esse ambiente específico de enunciação, o Congresso Nacional brasileiro, permeando instâncias enunciativas distintas a partir de seu jogo discursivo. Nesse espaço de formalidade, encontramos um sujeito deslocado do seu espaço de dizer, as redes, para transformar-se em uma representação pela cena que cria, juvenil e inocente, mesmo diante das acusações de superfaturamento de dinheiro nos casos de jogos esportivos online. Esse lugar se coloca como um possível novo regime da criação paratópica, no qual esses sujeitos-autores, como Fonseca, em diferentes momentos de dizer e em vários perfis no Instagram, gerenciam a partir desse ambiente, suas posições nesses distintos contextos/lugares enunciativos/discursivos.

Podemos pensar que a paratopia se associa à noção de cenas de enunciação, outro pilar da teoria de Maingueneau. À luz da análise do discurso, os enunciados que são produzidos por meio de um processo discursivo são mais do que fragmentos de uma formação discursiva; eles são, também, “amostras de um certo gênero de discurso”, isso implica que cada enunciação está ligada a um gênero que se liga a uma ordem específica oriunda de um “ritual” (Maingueneau, 1997, p. 34).

Nesse caminho, toda cena da enunciação se constitui por uma cena englobante e uma cena genérica. A primeira está ligada ao tipo de discurso, isto é, para entender determinado texto necessitamos encaixarmo-nos dentro da cena englobante; a segunda, a cena genérica, é responsável por viabilizar as propriedades dos gêneros e dos subgêneros que são indicadas pela cena englobante. A cena englobante e genérica é que decidem juntas “o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido, isto é, o espaço do tipo e do gênero do discurso” (Maingueneau, 2006, p.112).

Todavia, esses gêneros de discursos podem ser (im)postos também por outra cena, a cenografia que é fundada pelo próprio discurso. Dizendo de outro modo, trata-se do discurso que irrompe de sua cenografia, a fim de estabelecer a cena de enunciação que o legitima, tendo o objetivo de convencer seus destinatários – no caso em que analisaremos a seguir, Virgínia retratada por meio de vários recortes que a colocam em um ‘entre-lugar’

discursivo, sujeito-autor-digital – a ocuparem o lugar que a cenografia indicar. Assim, essa cenografia é, ao mesmo tempo, origem e produto do discurso” (Maingueneau, 2006, p. 114).

De maneira mais específica, a paratopia, nesse conjunto de relações com as cenas de enunciação, associa-se, principalmente, à cena englobante, uma vez que se manifesta por meio da tensão entre as três cenas que a constrói. O sujeito, nesse ínterim, precisa se constituir discursivamente por meio de algumas características: i) como alguém que é autorizado a dizer (no caso, quem é a Virgínia Fonseca no Congresso?), ii) como alguém que lida diretamente com as expectativas do gênero e do campo autorizado a enunciar (Congresso Nacional) e, no interior desse espaço enunciativo, assume, de fato, uma posição que é ‘simulada’, marcada por tentativas de legitimação.

É por meio desse jogo discursivo que observamos a (des)construção de sua imagem, isto é, o ethos de Maingueneau (2010) produzido no próprio ato de enunciar. Virgínia Fonseca, ao se expor discursivamente em espaços distintos – Congresso Nacional e redes sociais, o Instagram –, assume essa posição de convencimento mesmo que ela, sujeito-autor “real”, não possua tais qualidades, como a vimos diante dessa representação cenográfica de infantilidade e “descolada”, fora, por exemplo, de seu “padrão” de publicações rotineiras no Instagram. É diante desse cenário que esse jogo de poderes se ramifica permitindo que tal cenografias pareçam legítimas e “verdadeiras”.

2. Paratopia e(m) rede: o discurso em meio às cenas

Vivemos, hoje, uma revolução discursiva tecnológica com o alcance das redes sociais e a influência de suas ferramentas para o processo de interação entre os seres. Com elas, obtemos gestos e formas de comunicação muito mais rápidas e instantâneas, de maneira intensiva, cujas possibilidades são de (re)conhecer e viajar a diferentes lugares em poucos cliques, ou curtir e comentar sobre assuntos que, a todo modo, tornam-se presentes diariamente na vida de cada um. Para o bem ou para o mal, trata-se de um meio de comunicação ativo e cada vez mais globalizado, que envolve pensarmos sobre as posições-sujeitos, suas imagens e, por consequência, a (des)construção de um certo poder.

Assim, vimos, nos últimos dois anos⁵, o aparecimento e o aumento significativo de um mercado de jogos online, difundidos e comercializados, sobretudo por sujeitos digitais, papéis assumidos por certos influenciadores que em troca de dinheiro e contratos multimilionários incentivam o consumo desenfreado desses materiais, causando, com isso, um problema social e econômico de destaque, como o endividamento dos mais pobres e o vício.

Contudo, o movimento para dirimir tais problemas, nas diferentes ordens e esferas da sociedade, têm se tornado cada vez maior e mais prejudicial, visto que tais empresas têm arrecadado o apoio de certos influenciadores digitais, geralmente celebridades, que as divulgam com o objetivo de enriquecer diante do empobrecimento dos mais pobres e vulneráveis. Por meio de stories patrocinados, conteúdos fixos feeds de notícias do Instagram, por exemplo, encontramos a disseminação desses ‘jogos de azar’⁶ com a promessa de que quem os utilizam podem, em algum momento, tornar-se milionários. O papel desses influenciadores teve fundamental importância para o crescente aumento de brasileiros e brasileiras endividados, que perderam praticamente todo seu dinheiro em apostas online.

Com efeito, diante desse cenário, observamos uma tentativa do governo no controle dessas perdas sociais com a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), cuja função é investigar as ações desses influenciadores para o aumento inimaginável no consumo desses tipos de materiais online. Foram convocados para depor influenciadores conhecidos do país, com números de seguidores altamente representativos (mais de um milhão, no mínimo), tais como: Virginia Fonseca, Felipe Neto, Gustavo Lima, Jojo Todynho, Rico Melquiades, Wesley Safadão, entre outros⁷. Virgínia Fonseca, bilionária no ramo da moda e beleza femininas possui, atualmente, mais de 50 milhões de seguidores e foi, dentre os outros convocados, a primeira a prestar o seu depoimento sobre seu contrato com empresas Bets, no dia 13 de maio de 2025.

Figura 1. Recorte da repercussão do depoimento da influenciadora Virgínia na rede social Instagram.

⁵ Estes dados foram coletados em maio de 2025.

⁶ Chamados, também, do jogo do ‘tigrinho’.

⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2025/05/15/cpi-das-bets-os-famosos-que-ja-foram-e-ainda-serao-ouvidos-no-senado.htm>. Acesso em: 15 maio 2025.



Fonte: Instagram, 13 maio 2025. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DJosgVPNDSD/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 16 maio 2025.

A cena que o Brasil todo foi obrigado a assistir constitui-se por uma verdadeira caricatura, uma vez que ela, diante do exposto para aquele gênero discursivo, fugiu completamente de sua personalidade de ‘empresária’ adulta para assumir essa imagem de criança, mimada, alheia a qualquer culpa, ou desentendida sobre o real e sério tema que estava envolvida naquele espaço público. Para nós, analistas do discurso, tal movimento de sentido tem expressiva significação a partir das diferentes condições de emergência dos discursos ditos e mostrados pelas imagens. Primeiramente, a oposição entre o público e o privado, quando ela traz características de uma mulher que é colocada em um ambiente privado, a casa, por se vestir e se comportar diferentemente dos padrões formais exigidos pelo gênero. Em outras palavras, os recortes que expomos são discursos que repercutiram sobre a sua participação, congregando um espaço de enunciação fluído, que ora a elogiaram, pelo jeito “descolado”, ora a criticaram, pois ela se inscreveu de forma inadequada num espaço do dizer não tão comum para si, o ambiente era todo formal e investigativo, o que não se legitimaria de acordo com sua postura, a priori, “debochada”.

Em segundo lugar, esse espaço do digital permite-nos observar o funcionamento dos discursos numa plataforma virtual, que divulga diferentes temas, ora mais polêmicos, ora não, mas que abre espaço para curtir, comentar e, também, compartilhar. Embasados teórica e metodologicamente nos pressupostos da análise do discurso francesa, em especial no conceito de paratopia de Dominique Maingueneau (2006), buscamos compreender, nesse papel da influenciadora Virgínia Fonseca as diferentes interfaces de sujeitos em que ela se constituiu ao longo de sua participação na CPI. Queremos, dessa maneira, fazer um exercício de análise considerando que o sujeito-autor-digital Virgínia Fonseca pode assumir diferentes posições-sujeitos nesse discurso, promovendo a criação de diferentes efeitos de sentidos, tais como o “deboche” e o “escárnio”, ou de uma influenciadora “descolada” e, sobretudo inocente, quando, por meio de sua vestimenta, cria toda a cenografia que exalta o discurso da maternidade. Ela, ao enaltecer a filha por meio de uma estampa no moletom e acessórios – óculos, garrafa de água, calça despojada –, reforça um certo estereótipo social – uma mãe despojada e “dona de casa”, longe dos perigos dos ambientes onde ela não circula, e destoando do gênero formal ao qual ela foi inserida, numa encenação grotesca de paparicos de parlamentares, justamente porque assume esse papel de “grande” influenciadora brasileira.

Nosso jogo será construído por meio da descrição e interpretação, a fim de compreendermos os diferentes papéis que esse sujeito-autor-digital paratópico assumiu diante dessa cenografia do deboche. Na CPI, ela foi chamada para depor por ser acusada de realizar um contrato que estipulava um ganho de 30% nos jogos online diante das perdas dos apostadores⁸. Conforme vimos anteriormente, para refletirmos acerca da constituição e atuação dos discursos constituintes na sociedade, além do seu funcionamento, que compõe um universo discursivo (Maingueneau, 1997), eles podem ocupar, assim, um lugar paradoxal: de um lado, mantém sua autoridade, justamente por fazerem o gerenciamento de uma posição disforme e, por outro, organizam e são organizados em torno de uma comunidade discursiva, que se materializa por meio da produção de textos. Ou seja, tais tipos de discursos mobilizam, para além de autores, papéis sociodiscursivos de sujeitos (digitais), que enunciam e se inscrevem numa

⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2025/05/13/em-cpi-das-bets-virginia-fonseca-finge-ter-12-anos-e-senadores-tambem.htm>. Acesso em: 15 maio 2025.

determinada instância do dizer. O que nos leva a pensar sobre sua característica paratópica e, um pouco mais além, no que concerne ao processo de criação, partindo de um novo olhar, neste momento, do digital.

Em virtude disso, podemos pensar que a Virgínia Fonseca, aqui, diante desse cenário discursivo, não ocupa apenas uma função empírica de indivíduo social, inscrita apenas como uma usuária das redes e “dona” do seu dizer, pelo contrário, ela, em diferentes momentos dessa cenografia formal, assume posições distintas que a colocam num ‘entre-lugar’ do discurso, isto é, torna-se sujeito-autor determinada por sua inscrição ideológica, quando se constitui ora como uma empresária, influenciadora e bilionária, ora como uma mãe, despreocupada e “descolada”, num lugar de confronto que não seria o dela, enquanto uma cuidadora da casa. Ao assumir esse papel paratópico de mãe, “dona do lar”, ela reproduz, a nosso ver, todo o estereótipo machista que é atribuído às mulheres social e historicamente. Esse movimento enunciativo permite-nos observar que ela é a responsável pelo cuidado de si e do outro, no caso, de sua filha, a mais popular entre os seus seguidores, com uma foto estampada num moletom largo, com a seguinte frase, viralizada, “floflo biuta” e que nada poderia fazer, criminalmente, ocupando tal espaço.

Nessa instância do dizer, caracterizada por uma cenografia da infantilização, a blogueira acaba desconstruindo todo um movimento de deslocamento de sentidos sobre o papel de mãe numa sociedade que é totalmente preconceituosa. Ou seja, as mães não assumem apenas esse lugar de fragilidade, colocada dentro de um ambiente historicamente (im)posto a ela, a casa, mas a partir da militância e de desdobramentos feministas, ela pode ocupar outro tipo de poder, até mesmo uma CPI de maneira séria, sem essa retomada de estigmas machistas. A paratopia aí se manifesta no lugar de fragilidade que não só ela assume, naquele momento de interrogatório e de formalidade, mas que expande para a reprodução de uma imagem cada vez mais separatista, informalizando não só o seu dizer, mas de todo um movimento social que luta, por muitos anos, arduamente, para quebrar os paradigmas sociais sobre a mulher.

Óculos oval e copo (Stanley) rosa combinam com esse seu “lugar” despojado, seu moletom despojado proporciona esse sentido de inocência, de certa “pureza”, visto que é apenas uma mãe atenciosa e cuidadora. Tais gestos enunciativos desconfiguram todo o dizer sobre o feminismo, da seriedade desse movimento. Como veremos a seguir, esse

lugar de empoderamento, Virgínia já o ocupa quando, em um ensaio de Dia das Mães (figura 2), coloca-se na imagem, com seus filhos, como uma representação da elite e de uma empresária séria, compromissada não só com sua empresa, mas também com seus seguidores. Há, aí, o jogo de dois papéis desse sujeito-autor-digital paratópico que a fazem (não) pertencer a esses dois lugares discursivos, de mãe, como forma de representar a formalidade e a informalidade como resultado dessa sua inscrição discursiva, de posição-sujeito diverso.

Figura 2. Imagem retirada do perfil de Virgínia Fonseca durante as festividades do Dia das Mães, 2025.



Fonte: Canal Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/marketing-look-polemico-que-virginia-usou-na-cpi-das-bets-teria-sido-planejado,07a6462d8d07edf703f1ea4b8c3326a81vvmkm1w.html>. Acesso em: 15 maio 2025.

Ao contrário do que vemos na imagem anterior (figura 1), a blogueira, nesse segundo momento, “traduz” a sua exposição nas redes, como uma mulher empoderada, empresária e, também, mãe. Não é qualquer mãe, mas a influenciadora que se desloca do seu “lugar histórico comum”, a dona da casa, para um ambiente profissional, imprimindo a esse novo espaço do dizer, da mulher empresária, valor maior que a sua postura, de mãe-despojada na CPI. Durante um ensaio fotográfico, ela e seus filhos posam diante do luxo e da beleza exacerbada dos corpos e do cenário, cenas que, grosso modo, compactua com a sua atividade de empresária e mãe. Na CPI, ela se coloca como mãe, dessa vez,

despregando-se dessa cenografia profissional, pois nessa configuração, ela poderia sofrer sanções legais justamente porque seria o seu “lugar”, de adulta e empresária. Trata-se de uma mãe que não é somente preocupada com os filhos, mas também que está à altura de um papel social poderoso, o de ser bem-sucedida. Virgínia já assume esse espaço do empoderamento, de uma mãe-empresária que nada se relaciona com sua imagem construída na CPI das Bets, no Senado.

O jogo de (des)identidades desse sujeito-autor-digital que enuncia, Virgínia Fonseca, é articulado nesse conjunto cenográfico construído pelas duas instâncias do dizer: mãe infantilizada e mãe empresária, gerando, com isso, uma tensão constante entre inclusão – como pautas de empoderamento feminino, na figura 2 representada pela imponência das roupas e do seu lugar social, a empresária – e a exclusão – uma mãe aquém da fraude e de toda injustiça que a associam, justamente por ocupar esse espaço “descolado”. Nessa paratopia, o “entre-lugar”, o sujeito-autor-digital nunca está plenamente dentro da sua posição, nem completamente fora do lugar que reivindica, isto é, se inscreve em uma instância do dizer que se legitima, na mídia, como resultado das diferentes posições que ele pode assumir; além disso, ao mesmo tempo, Fonseca transgride os limites dessa instância, colocando-se em várias posições discursivas dos sentidos criados historicamente acerca da mulher-mãe. Diante disso, a paratopia não é uma fala por “acidente” ou uma falha empírica do sujeito enunciador, mas sim uma condição de possibilidade da enunciação, que emerge diante dessas diferentes possibilidades e emergências do dizer.

Figuras 3. Depoimento de Virgínia Fonseca.



Fonte: Instagram, 13 maio 2025. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DJmQQgaRRZu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 16 maio 2025.

Figura 4. Depoimento de Virgínia Fonseca.



Fonte: Instagram, 13 maio 2025. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DJmcVOigOnZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFlZA==. Acesso em 15 maio 2025.

Na imagem anterior, figura 3, vemos o início de seu depoimento na CPI das Bets, quando ela, Virgínia Fonseca, traz um traço do discurso religioso e diz: “Que Deus abençoe nossa audiência, bora pra cima, obrigada”. Para além da imagem de mãe “descolada”, jovem e responsável pelo cuidado do lar, ela adiciona ao seu papel a religião, um gesto que pode traduzir, de modo tradicional, uma mãe que é, também, religiosa, temente a Deus e que, por isso, jamais cometeria nenhum crime. A informalidade é também marcada pelo uso do vocábulo “bora”, típico da linguagem coloquial, reforçando, ainda mais, esse espaço da informalidade que ela constrói diante da cenografia jurídica.

Cabelos soltos e gestos despojados a colocam longe desse primeiro imaginário de mulher empoderada, resultado da figura 2, que é dona de si, mas, ao contrário, como uma mulher qualquer, que aí se configura como uma “dona” de casa e atenciosa. Da informalidade das roupas e de seus gestos a ultra formalidade de um ambiente de trabalho parlamentar, a cenografia que vemos, nessa situação discursiva, destoa do que é pré-determinado historicamente, como um setor da sociedade responsável por apurar e investigar crimes. Dizendo de outro modo, o formal do senado federal se torna o cenário de um ambiente familiar, despojado, em que não só a influenciadora digital se coloca nesse fio do discurso da juventude criado, mas também parlamentares tornam esse ambiente político-jurídico do Congresso Nacional como um “puxadinho” da casa de Fonseca, descaracterizando a investigação, a prestação de contas e o discurso formal da legalidade.

Nessa configuração, a blogueira ocupa a imagem de mãe de família que contrasta com o espaço esperado, representando, mais uma vez, um papel ideológico que “todo mundo quer e gosta de ver”, marcado por sobriedade, tecnicidade e formalidade. Esse efeito é possível porque na figura 4, durante a sessão, é trazida a figura do marido de Virgínia, “Zé Felipe”, que ocupa um lugar de destaque não só na música sertaneja brasileira, mas também como o seu “protetor”, o que é responsável formal da família em meio a essa situação adversa, tornando a cenografia de seriedade para uma mais

descontraída e “jocosa”. Nessa figura de mulher mãe-despojada e dona de casa, ela não sairia de casa sem o seu marido, o que ela se refere como “aquele gato”, ratificando esse imaginário social de que a mulher, nessas condições de tensão e julgamento, estaria mais bem amparada por ele e seu advogado, também homem. De maneira geral, teríamos nessa cena englobante jurídica uma sessão escatológica estabelecida pela relação de dominação do homem sobre a mulher, já que diante desse ambiente hostil, ela, sua amada, estaria em perigo.

Na condição estruturante dessa criação discursiva, em especial se considerarmos a mídia e sua extensão, paratopicamente, a blogueira tenta manter essa sua identidade autoral histórica, desafiando normas institucionais, que busca reconhecimento. Contudo, ao lado dessa incorporação de sujeito-autor-digital mãe “descolada”, ela, a todo momento, como escritora, precisa se afirmar como alguém singular, mesmo diante das normas jurídicas e correntes, colocando-se única, juvenil e inocente, que necessita ser reconhecida nesse espaço formal que deseja integrar. Como resultado disso, vemos um sujeito que se apresenta de maneira atravessada pela tensão de sentidos e discursos – sociais, políticos, econômicos – que afetam sua imagem discursiva – a oposição entre empresária-mãe-empoderada e mãe-despojada-dona de casa – e sua legitimidade.

Figura 5. Recorte do depoimento de Virgínia Fonseca na CPI das *Bets*.



Fonte: Instagram, 13 maio 2025. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DJmqwS4ScM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 15 maio 2025.

Isso tudo se configura porque a formalidade do contexto jurídico se confunde com o espaço midiático, que ganha escopo de comentários que podem ora corroborar essa identificação, ora distanciar, colocando-se, assim, lugares sociais distintos que estão em disputa ideológica. A figura 4, no perfil do Instagram de Virgínia Fonseca, vemos essa “mãe-despojada” assumindo um papel de “celebridade”, justamente porque está nesse espaço jurídico e de pouco acesso a todos. A Virgínia mãe-empresária-empoderada não possui, aqui, lugar de dizer por que está diante de uma situação de julgamento, diante de parlamentares que julgariam não o seu empoderamento, mas a sua “verdade” fantasiada pelo efeito de sentido tradicional, de uma mãe de família, inocente, incapaz de cometer qualquer irregularidade. Como empresária, ela estaria sob a égide da justiça, pois poderia assumir suas responsabilidades como qualquer outro indivíduo.

O palco instalado (figura 5) articula essa problemática entre a mãe-despojada e a mãe-empresária-empoderada, uma vez que reforça essa instabilidade identitária paratópica, isto é, ela precisa se legitimar e constituir nesse novo espaço do dizer, mas

sem renunciar à imagem pública que sustenta sua autoridade enquanto influenciadora. Em outras palavras, como vemos na figura 4, além de estar num ambiente que não é dela, vale-se dele para ocupar esse “entre-lugar” discursivo, cujos ambientes em que emergem seus discursos geram condições instáveis entre consumo, publicidade, cultura digital e legalidade. Ao longo de sua encenação paratópica, Fonseca assume posições instáveis, entre campos discursivos distintos que a fazem (des)construir sentidos estabilizados socialmente. Vemos, assim, uma mulher mãe-despojada, deslocada do seu espaço “comum”, para tomar “corpo” de sentido do que se espera dessa cristalização social calcada na mãe, cuidadora do lar; e, também, encontramos uma mulher mãe-empresária-empoderada que toma para si o dizer da influência e do consumo, numa tensão entre a influência digital e o da política institucional.

Esses desdobramentos de sentidos, gerado sobretudo pelas redes, contribuem para questionarmos sobre essas diferentes instâncias discursivas que constituem, diariamente, nossos processos de interação. Cada vez mais, esse exercício paratópico será possível, visto que não somos apenas indivíduos ocupantes de espaços únicos e individuais, mas reproduzimos dizeres diversos, nos constituímos como sujeitos capazes de entremisturar-se nesse conjunto paratópico dos discursos outros, impondo situações enunciativas e papéis sociais diversos quando empreendemos um movimento de criação, por exemplo, e, particularmente, no digital. O caso da Virgínia Fonseca é um exemplo claro de configuração e (des)construção de imagens, que não se resumem apenas à aparência física, mas torna-se ferramenta, discurso e construção de poder.

Considerações Finais/ Conclusão

Ao longo destas nossas reflexões, vimos como a sociedade e a tecnologia, na contemporaneidade brasileira, estão entrelaçadas no processo de comunicação e interação social. Olhamos para tal plataforma digital, o Instagram, como forma de compreendermos os movimentos de sentidos promovidos por sua composição multimodal, sincrética, que traz à baila diferentes situações enunciativas para (re)contar uma dada história. Para tal, o conceito de paratopia foi central, pois, permitiu-nos analisar os diferentes espaços do dizer da influenciadora digital, sujeito-autor-digital Virgínia Fonseca, acerca de seu papel não apenas como mulher, mãe, influenciadora e empresária reconhecida, mas também o

poder de influência que possui quando assume distintas posições no discurso, representando um “entre-lugar” discursivo entrelaçado pelas cenas de enunciação.

Logo, a partir dos perfis nessa rede social, vimos como essa cenografia formal, durante seu depoimento (in)formal, adquiriu características que fogem dessa cena estabilizada socialmente por meio do comportamento e gestos da influenciadora digital, descaracterizando não só todo o processo investigativo, mas também criando um espaço do dizer diferente do que ela, enquanto influenciadora ocupa no Instagram, uma mulher mãe, empresária e empoderada. A posição de Fonseca, como mãe “despojada”, a coloca numa instância enunciativa contrária, completamente apática da culpa e da probabilidade de incentivar a perda monetária de seus seguidores, colocando-se, com isso, nesse não pertencimento do empoderamento, mas da inocência.

Naquela situação, fragilizada, assume o contorno de uma mulher mãe-despojada, ora “recatada” e “do lar”, e longe de qualquer incorrência policial ou inquérito, associando-a à investigação na CPI das Bets. Portanto, ela retoma esse espaço do não-dizer de mulheres, que ao longo da história, se colocam em movimento e militância para quebrar esse sentido de fragilização e dependente do marido, pois na configuração de empoderamento, ela, provavelmente, seria culpada.

Referências

Além de Virginia e Rico: quem são os famosos na mira da CPI das Bets? Revista online *UOL*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2025/05/15/cpi-das-bets-os-famosos-que-ja-foram-e-ainda-serao-ouvidos-no-senado.htm/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 maio 2025.

@burguesia.fede. *Instagram*, 13 maio 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJosgVPNDSD/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 15 maio 2025.

Em CPI das Bets, Virgínia Fonseca finge ter 12 anos. E senadores também. Revista online *UOL*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opinia/coluna/2025/05/13/em-cpi-das-bets-virginia-fonseca-finge-ter-12-anos-e-senadores-tambem.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 15 maio 2025.

@ginaindelicada. *Instagram*, 13 maio 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJmcVOigOnZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em 15 maio 2025.

MAINGUENEAU, D. *As margens do discurso*. Tradução Adriano Souza Marinho... [et al.]. 1º. Ed. São Paulo: Contexto, 2025.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e Análise de Discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Tradução Adail Sobral. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução Adail Sobral... [et al.]. 1ª. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. 3ª. Ed. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 1997.

Marketing? Look polêmico que Virginia usou na CPI das Bets teria sido planejado. *Terra online*. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/gente/marketing-look-polemico-que-virginia-usou-na-cpi-das-bets-teria-sido-planejado,07a6462d8d07edf703f1ea4b8c3326a81vwmkmlw.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 15 maio 2025.

@nazareamarga. *Instagram*, 13 maio 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJmQQgaRRZu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 15 maio 2025.

@nazareamarga. *Instagram*, 13 maio 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJmqwS4SccM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 15 maio 2025.